



## PAISAGEM, CULTURA E RELIGIOSIDADE: A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DO *FENGSHUI*

Alice Taira<sup>1</sup>

### RESUMO

Na Geografia, a paisagem é um conceito abordado por diversas disciplinas. Este conceito é originário do Renascimento no ocidente, evoluiu ao longo do tempo, até chegar na concepção atual. Neste artigo, a paisagem seguirá a vertente cultural com desdobramento na abordagem oriental para melhor aproximação com o *fengshui* que é uma arte milenar chinesa no auxílio da melhor localização para as construções humanas destinadas à moradia, ao trabalho e ao lazer. Concebida na China antiga, possui elementos da filosofia Taoísta, da numerologia, da astrologia e faz uso dos fundamentos geomorfológicos para melhor compreensão das formas de relevo e de cursos d'água.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural, Oriente, *Fengshui*.

### RESUMEN

En geografía, el paisaje es un concepto abordado por varias disciplinas. Este concepto tiene su origen en el Renacimiento en Occidente, fue evolucionando con el tiempo, hasta llegar a la concepción actual. En este artículo, el paisaje seguirá el aspecto cultural con un enfoque oriental para una mejor aproximación con el *fengshui*, que es un antiguo arte chino para ayudar a ubicar mejor las construcciones humanas para la vivienda, el trabajo y el ocio. Concebido en la antigua China, tiene elementos de la filosofía taoísta, numerología, astrología y hace uso de fundamentos geomorfológicos para una mejor comprensión de las formas de relieve y cursos de agua.

**Palabras clave:** Paisaje cultural, Este, *Fengshui*.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa esclarecer o que seria o *fengshui* e sua relação com a paisagem, a cultura, a religiosidade, a percepção, enfim com a Geografia e mais especificamente com a Geografia Cultural, que conforme Claval, tem suas origens por volta de 1890.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela UNESP de Rio Claro. E-mail: [alice.taira@unesp.br](mailto:alice.taira@unesp.br)  
Artigo resultado do projeto de pesquisa.



Segundo Eva Wong, especialista e praticante do *fengshui*, esta arte dentre outras como a medicina oriental (acupuntura), meditação, artes marciais e astrologia chinesa, provém da filosofia oriental Taoísta, a qual entende que o universo é composto por elementos opostos: *yin / yang* e desse modo deve atingir o equilíbrio para manter a harmonia. O *fengshui* analisa a energia que percorre todo o universo, conhecido entre os chineses como *qi*. Eles acreditam que essa forma de energia está presente na atmosfera, na biosfera, na hidrosfera e na litosfera.

Utilizada na antiguidade para localizar cemitérios, que eram considerados lugares sagrados por receberem restos mortais dos familiares e antepassados, a orientação em encontrar áreas auspiciosas era realizada através do *fengshui* (WONG, 1996). Para os orientais, o culto aos antepassados tem um simbolismo significativo, rituais e oferendas são realizados em respeito ao falecido, à tradição e à crença de que essas ações asseguram uma vida próspera aos descendentes. A seleção de lugares para habitação, comércio, trabalho e outros, também tinha o cuidado de se utilizar a técnica para a escolha mais adequada ou o melhor lugar para determinada finalidade.

Entre os geógrafos ocidentais, encontramos alguns autores que citam o termo conforme o desenvolvimento de suas pesquisas em Geografia Cultural com envolvimento nos estudos da China, corroborando a relação do *fengshui* com a Geografia.

Em um estudo sobre paisagem religiosa e região cultural, Zeny Rosendahl menciona o *fengshui* ao exemplificar um antigo palácio chinês no verão de Chengde como modo de reconhecer crenças e identidades culturais de seus habitantes.

“O local exato de Chengde é ao norte da área central de *Hing* e ao norte de *Beijing*, refletindo a nova base de poder do império *Quing*, centralizado na Manchúria e no *Jehal*, e a expansão desse império nos dois lados da Grande Muralha. A própria paisagem foi modelada por crenças explícitas na geomancia—nos poderes mágicos da terra e no *fengshui*..” (ROSENDAHL, 2003, p217)

Estudando o sagrado para compreender o povoamento de várias civilizações, Pierre Deffontaines descreve sucintamente o *fengshui* quando menciona a comunidade chinesa. Ele declara que os chineses possuem um senso agudo de direção e destaca a importância do papel do geomante que domina toda a geografia do povoamento da China (DEFFONTAINES, 1948).

“o chinês tem um senso de direção agudo, ele afirma que tem uma dor no lado oriental do estômago, mas seu corpo deve respeitar toda uma série de correntes aéreas ou subterrâneas, *fengshui* (literalmente água e vento), que é



uma fonte de felicidade ou infortúnio...É o geomante que domina toda a geografia do assentamento da China.” (DEFFONTAINES, 1948, p106)

Essa forma modificada de organizar a ocupação de um determinado espaço pode ser resultado do modo particular de percepção do povo chinês. A professora Livia de Oliveira (2002) define a percepção como um somatório de um produto sensorial e uma significação para esta apreensão.

“E poderíamos dizer que a percepção é a apreensão de uma qualidade sensível, acrescida de uma significação, como uma qualidade essencial, e não apenas um acréscimo.” (OLIVEIRA, 2002, p191)

A percepção dos chineses que aplica o *fengshui*, agrega a dimensão vertical, o cosmo, cujas implicações podem ser transcendentais e simbólicas. Segundo Yi-Fu Tuan, na parte rural da China, o cosmo vertical era considerado até a implantação do governo comunista, quando eram comemorados os ciclos de festividades. (TUAN, 2012)

Eva Wong (1996) afirma que as formas geomorfológicas possuem um significado peculiar ao *fengshui*. Cada forma de relevo traz uma forma de energia e simbologia que são os elementos trabalhados nesta técnica.

A superfície da crosta continental não é plana e nem uniforme em toda a sua extensão (FLORENZANO, 2008). Caracteriza-se por elevações e depressões de diferentes formas e composições, sendo resultante da dinâmica externa do planeta como a ação da água, dos ventos, da temperatura e dos organismos vivos sobre as rochas e da dinâmica interna relacionada aos movimentos tectônicos. Relaciona a geomorfologia no espaço e no tempo. (SANTOS, 2008)

“O relevo da superfície terrestre é o resultado da interação da litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera, ou seja, dos processos de troca de energia e matéria que se desenvolvem nessa interface, no tempo e no espaço. No espaço, o relevo varia da escala planetária (continentes e oceanos) à continental (cadeias de montanhas, planaltos, depressões e grandes planícies) e à local (escarpas, morros, colinas, terraços, pequenas planícies etc.). No tempo, sua formação varia da escala geológica àquela do homem.” (FLORENZANO, 2008, p11)

O conhecimento da geomorfologia torna-se imprescindível para a compreensão do *fengshui* que vai unir o objeto ao simbólico. O meio ambiente assume com isso uma qualidade metafórica: as montanhas podem ser tigres ou tartarugas; os rios podem ser dragões ou serpentes, conforme haja semelhança da forma geomorfológica com esses animais e outros não citados. (ROSSBACH, 1998). Enfim, cada forma geológica, como colina, morro, escarpa, tabuleiro, rios, cachoeiras, etc. Apresenta uma intensidade de energia e um valor simbólico.



A paisagem é uma importante categoria a ser considerada no *fengshui*, com ampla definição na Geografia, esta será tratada neste artigo fazendo-se um breve panorama e com foco especial na linha da Geografia Cultural que sofreu crise e ressurgiu renovada em diferentes aspectos, inclusive teóricos e conceituais. A Nova Geografia Cultural considera a paisagem sob uma perspectiva que abrange diferentes pensamentos, diferentes culturas, enfim, outras epistemologias.

### **Histórico do *fengshui***

Uma breve história sobre o *fengshui*, nos remete ao período da dinastia *Chou* (1122 – 256 a.C.), que desde essa época, os imperadores apelavam para rituais e crenças para obter boas colheitas, saúde e paz ao reino. Neste período o Taoísmo (*Lao Tsé* 604-531 a.C.) e o Confucionismo (Confúcio 551-479 a.C.) se desenvolveram (ROSSBACH, 1998). Essas duas filosofias formaram uma sinergia ampliando e fortalecendo a religião, assim como o Budismo que chegou posteriormente, não havendo importantes conflitos entre elas.

Na dinastia seguinte, a *Chin* ou *Qing* (221 -206 a.C.) após a unificação dos reinos, o imperador tornou-se rígido e autoritário. Recusava as culturas dos povos submissos e perseguia qualquer forma de rituais ou crenças. Portanto nesse período o *fengshui* fora proibido, porém a arte divinatória foi ficando cada vez mais poderosa e fortalecia pontos de rebeliões ante ao poder intolerante do imperador. (BRUNN, 2011)

Na dinastia *Han* (206 A.C.- 219 D.C.) na qual floresceu a arte do *Kan-yu* (kan significa montanhas e *yu* significa lugares baixos) ou a energia transportada nas formas da terra, a prática do *fengshui* foi permitida e foi amplamente desenvolvida. Era defendida pelos Taoístas que acreditavam que os corpos geológicos, particularmente as montanhas e rios eram impregnados de energia vital. Os imperadores usavam os princípios do *fengshui* para posicionar sepulturas, localizar palácios e até mesmo cidades. As pessoas comuns seguiram o exemplo, na construção de suas casas e sepulturas. Os princípios básicos do *fengshui* foram amplamente difundidos, viver em paz, bem-estar familiar e evitar infortúnios, como doenças e acidentes pessoais (WONG, 1996).

Ficou perdida por longo tempo, em função da política e recuperou-se na dinastia *Song* (960 – 1279) e teve grande ascensão nas dinastias de *Yuan* (1271 - 1368) e *Ming* (1368 – 1644) (BRUNN, 2011). No período da implantação da República Popular da China (1949), houve grande perseguição, realizada pela Guarda Vermelha durante a Revolução Cultural, aos cultos religiosos, às superstições e aos rituais. A proibição retorna e novamente a prática ocorre de forma oculta (BRUNN, 2011). Impedido durante as fases iniciais do regime



comunista na China, o *fengshui* ficou relegado à clandestinidade, mantendo-se popular em comunidades chinesas e em outros lugares como o Leste e Sudeste da Ásia, retornando gradativamente ao longo do tempo e conquistando a cultura ocidental como um guia para a organização do espaço doméstico (EPOCH TIMES, 2014).

### **O conceito de paisagem na Geografia Cultural**

A paisagem é um conceito que sempre esteve presente na Geografia, sofrendo influência conforme o ramo filosófico e científico, ao longo dos séculos XIX e XX. As primeiras noções de paisagem surgiram com as representações de pinturas rupestres, nas quais os homens e mulheres retratavam o meio onde viviam (MAXIMIANO, 2004).

No período do Renascimento, através de pintores e artistas com suas técnicas de pintura em perspectiva, nasce o conceito de paisagem. Com o surgimento de novas técnicas de pintura e novas escolas de artes que se espalharam pela Europa, o conceito de paisagem foi se aprimorando ao longo do tempo (MARANDOLA, 2018).

Paul Claval faz um estudo sobre o conceito de paisagem das principais escolas européias e americanas, indicando as modificações do conceito conforme o pensamento de cada instituição. Na escola alemã, Claval entende que a Geografia Cultural surgiu da necessidade de compreensão de fenômenos e dentre eles a construção do conceito de paisagem. Em geral a escola alemã, desde 1910, segue a linha da antropogeografia com influência darwinista. Dentre os autores citados estão: Ratzel (1880), Schlüter (1907), Meitzen (1940), Passarge (1920).

Na escola americana, a Geografia Cultural é organizada, trinta anos depois dos primeiros trabalhos alemães, por Carl Ortwin Sauer (1940) e ficou conhecida como a escola de Berkeley. Os trabalhos da escola de Berkeley têm significação devido à dedicação aos grupos de etnólogos que estudam povos, etnias e suas culturas. Permanecem atuais devido à preocupação ecológica (CLAVAL, 2001, p.32). Em síntese, a escola americana faz uma relação entre o meio e a cultura e ressalta uma inquietação sobre o equilíbrio ecológico.

Por fim, na escola francesa, Claval faz referência aos destacados autores de seu país, como Paul Vidal de La Blache, que apresenta influência alemã em seus trabalhos; Jean Brunhes estuda as paisagens e faz análise dos artefatos; Pierre Deffontaines através da coleção Gallimard de Geografia Humana (1932), introduz novos temas na França.

O conceito de paisagem do ponto de vista tradicional na Geografia Cultural, perdurou até a década de 1940, permaneceu marginalizado retomando a discussão com novos conceitos introduzidos pela Geografia Humanista em meados de 1970 (RISSO, 2008). Esta corrente que



questiona o sentido dos lugares, dos espaços vividos e das territorialidades, considerando os aspectos subjetivos da paisagem, revelam Eric Dardel (1952) e Yi Fu Tuan (1976) como os autores que se destacam. (CLAVAL, 2001).

Apesar das críticas e mudanças, a Geografia Cultural não desapareceu, a atenção dos geógrafos se desvia dos objetos técnicos para as representações. Nesse contexto a paisagem simbólica, introduzida pela Geografia Humanista, é impregnada de sentimentos e valores, tornando-se primordial nas discussões e levando os estudos desta categoria a outro patamar. A Nova Geografia Cultural surge da necessidade de ocupar uma lacuna com teorias que abrangem e explicam as demandas que anteriormente eram excluídas ou pesquisadas de forma parcial.

Denis Crosgrave na Inglaterra e James Duncan nos Estados Unidos, são autênticos representantes da Nova Geografia Cultural e se interessam pelas representações: “O que procuram compreender é a interpretação simbólica que os grupos e as classes sociais dão ao ambiente, as justificativas estéticas ou ideológicas que propõem e o impacto das representações sobre a vida coletiva.” (CLAVAL, 2001, p. 56)

A renovação da Geografia Cultural na França ocorreu de forma a não romper com os trabalhos desenvolvidos até então, mas sim, de enriquecê-los. Armand Frémont (1970); Joël Bonnemaison (1981); Singaravélou (1995), consideram as diferentes culturas e seus modos de reproduzirem o mundo e a natureza, dentre outros autores.

Raison, Badie, Piveteau, questionam sobre as mudanças de atitudes em relação à cultura, a natureza das identidades e da relação com o território (CLAVAL, 2001). Collot amplia o universo subjetivo, relacionado à afetividade, as experiências, a vivência e os valores simbólicos à paisagem (RISSO, 2008).

Claval disserta sobre a Geografia Cultural no Brasil, afirmando que antes dos anos 1990 era tímida, com influência francesa de Pierre Deffontaines e do brasileiro Alberto Ribeiro Lamego. Menciona que nos anos 1980, a Unesp de Rio Claro através das professoras Livia de Oliveira e Lucy Machado, introduz a fenomenologia na Geografia com a tradução das obras de Yi-Fu Tuan. Mas, foi nos anos de 1990 que a Geografia Cultural se consolidou com a criação da NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Espaço e Cultura) pelos professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa no departamento de geografia da UERJ. (CLAVAL, 2012)

Atenção especial será dedicada ao geógrafo Augustin Berque, devido a sua aproximação com a cultura oriental, foi um facilitador do entendimento do tema deste artigo.



## **Paisagem Oriental por Berque**

Augustin Berque é um orientalista e desenvolve seus estudos sobre paisagem fundamentados na fenomenologia. Procurou um sentido profundo da paisagem, pois acreditava que a paisagem expressa uma relação entre o homem e o meio. Desta forma, buscou as origens do conceito de paisagem na cultura chinesa onde há registros muito anteriores aos da civilização ocidental, cerca de mil anos antes (MARANDOLA, 2018)

Ao buscar o sentido mais profundo, Berque procura elucidar a relação intrínseca entre o objetivo e o subjetivo no surgimento do conceito e compreender a relação direta entre o homem e o meio para sanar os obstáculos das discussões contemporâneas que orbitam entre dois extremos: o objetivo, onde a ênfase recai sobre os objetos e o subjetivo, onde o sujeito representa o simbólico e o cultural.

Para Berque a distinção entre o pensamento sobre a paisagem e sua existência deve ficar evidente. As palavras traduzem o pensamento sobre a paisagem, as palavras são importantes para podermos discutir, refletir e teorizar o conceito da paisagem que difere do objeto embora ambos façam referência sobre o mesmo tema. Nesse sentido, menciona o noema do noese, ou seja, na filosofia o noema se refere ao objeto e o noese seria o próprio pensamento. Convergingo com o pensamento de Husserl acerca da intencionalidade da consciência sobre o objeto, para construir o conhecimento, a teoria, o conceito.

Após fazer um estudo da mitologia grega para definir a natureza, Berque entende que o antropocentrismo ocidental desconsidera qualquer outro tipo de pensamento sobre a natureza, faz menção ao cosmocídio, etnocentrismo e nesta linha a natureza se caracteriza como objeto.

Berque traz uma reflexão sobre a ruptura entre o físico e o fenomênico, tornando o meio objetivo e distanciado do sujeito. Para tanto, procura relacionar as filosofias oriental e ocidental com o filósofo oriental Watsuji Tetsurô e ocidental, Heidegger, para estruturar a base de seu pensamento (MARANDOLA, 2018). Para o autor, a paisagem vai além do cenário visual, é uma construção mental e também é uma constituição material, é o subjetivo somado com o objetivo na relação entre homem e o meio.

Na China, a palavra *shanshui*, que significa paisagem e tem como tradução literal “as águas da montanha”, são considerados elementos carregados de símbolos e não apenas estruturas físicas. Fazem uma relação entre a paisagem e o fundamento mítico-religioso. O objetivo e o subjetivo fazem parte do todo e retratam sobre a influência taoísta no pensamento chinês.



Marandola descreve que a partir do pensamento taoísta, Berque menciona o *fengshui* como instrumento estruturante do meio e faz uma breve abordagem do *qi* como sendo vibrações emitidas:

“O *fengshui*, uma das tradições mítico-religiosas orientais ligadas ao taoísmo, atribui sentido, ordem e unidade ao mundo chinês, tanto no espaço como no tempo. Berque, sem entrar nas questões dos princípios envolvidos no *fengshui*, destaca que ao aplicá-lo, ele é irreduzível ao físico, pois se relaciona diretamente com o *qi*, que seriam as vibrações que cada elemento da natureza e cada pessoa emitem. Além disso, é um maravilhoso regulador da paisagem, ordenando os espaços” (MARANDOLA, 2018, p.145)

Nesta perspectiva, torna-se possível a compreensão do *fengshui* e das suas implicações sobre a paisagem.

### **A percepção da paisagem através do *fengshui*.**

Como crítica ao positivismo, o filósofo Husserl elabora uma base epistemológica e uma ontologia fundamentadas na própria vivência, na consciência e sua relação com o mundo, daí se origina a fenomenologia.

A fenomenologia se ocupa das experiências do vivido e da apreensão dos objetos através da percepção, neste particular, o pensador Maurice Merleau-Ponty vai aprofundar seus estudos afirmando que o corpo é a resposta dos pensamentos dualísticos entre o subjetivo e objetivo, para ele a fenomenologia da percepção é essencial para a sua filosofia (GONÇALVES, GARCIA, DANTAS, 2008).

Tuan utiliza-se da fenomenologia e vai trabalhar a percepção direcionando com maior especificidade aos lugares, às paisagens detalhando cada sentido e atribuindo valores de acordo com a memória afetiva (TUAN, 2012). No livro *Topofilia*, Tuan faz referência ao *fengshui* por várias vezes, porém não menciona o termo, como exemplo, no capítulo dez sob o título “Do cosmo à paisagem” em certa parte do texto, descreve os jardins paisagísticos do parque imperial dos imperadores *Han* e expõe o *fengshui* como “crenças taoístas mágicas”:

“Na China, o parque imperial dos imperadores *Han*, construído nos arredores de *Ch'angan*, em meados do século II antes de Cristo, é um dos primeiros jardins paisagísticos fechados de que temos notícia. Era muito grande. Havia montanhas, florestas e pântanos dentro da muralha circular, mas também havia paisagens artificiais e palácios construídos para refletir as crenças taoístas mágicas.” (TUAN, p. 203, 2012)

Berque utiliza a base fenomenológica para desenvolver suas teorias decorrentes do pensamento oriental e ocidental. Um importante apontamento feito pelo autor é o rompimento com o dualismo existente no pensamento moderno entre o mundo objetivo e o mundo





subjetivo, como dois mundos independentes, sem relação. Para Berque, esses dois mundos são intensamente inter relacionados (MARANDOLA, 2019).

Neste caminho, define a mútua relação entre os dois mundos (subjetivo e objetivo), como trajeção (MARANDOLA, 2014). A trajeção é um processo dinâmico no qual o meio é antropizado pela técnica e humanizado pelo símbolo, criando um meio humano e este meio, em retorno, tem a capacidade de humanizá-lo de volta e assim indefinidamente fechando o ciclo.

No *fengshui*, a paisagem é munida de simbologia, cada montanha ou curso d'água representa um animal com sua força ou passividade e de acordo com a edificação, cada elemento é escolhido cuidadosamente. A percepção dos lugares é impregnada de valores, as montanhas eram elementos naturais que protegiam as cidades e fazendas contra ventos cortantes e a invasão dos bárbaros, os rios fornecem água para plantações e subsistência das pessoas, por isso são considerados importantes e elevados à condição do sagrado.

No meio urbano, as próprias edificações do entorno, passam a representar os animais e a localização da edificação passa por um rigoroso estudo na qual é considerado, o mapa astral dos ocupantes, a orientação da bússola geomântica, a numerologia e o histórico do lugar para avaliar se o local será auspicioso para os futuros ocupantes ou para a futura empresa.

O *qi* do local também é avaliado, este é considerado como a energia vital que percorre todos os elementos do meio ambiente e anima os seres. “E, se todas as coisas – colinas, regatos, árvores, seres humanos, pedras – inalam *qi*, elas também o exalam, agindo umas sobre as outras” (ROSSBACH, 1998, p.43).

A trajeção (movimento contínuo entre o meio natural e o subjetivo) de Berque fica clara no pensamento chinês sobre a sua relação com a paisagem:

“Os chineses viam uma ligação mágica entre o homem e a paisagem: a natureza reage a qualquer mudança e essa reação repercute no homem. Eles viam o mundo e a si mesmos como integrantes de um sistema metabólico sagrado. Tudo pulsava com a vida. Cada parte dependia de tudo mais. Os chineses achavam que compartilhavam de um destino com a terra: quando ela era sadia e próspera, eles progrediam; quando o equilíbrio era destruído, eles sofriam. Fazia sentido, portanto, em termos de *fengshui*, favorecer o meio ambiente em lugar de danificá-lo, prejudicando assim as chances de boas sorte e felicidade” (ROSSBACH, 1998, p.29)

Uma das finalidades do *fengshui* é a harmonização com o meio ambiente, através desta técnica, os chineses têm a consciência de que a alteração indiscriminada do meio ambiente, pode acarretar num desequilíbrio com resultados imprevisíveis. Porém os próprios chineses não praticaram o que pregavam, durante os séculos XIX e XX, derrubaram árvores



intensivamente ao norte para a produção de lenha e suprir a matriz energética altamente poluente. Outro impacto recente, é a pandemia da COVID-19, o desequilíbrio no ecossistema causado pelo domínio do agronegócio, provocou, segundo Wallace<sup>2</sup>, o transbordamento do micro-organismo de seu hospedeiro natural para os seres humanos que não possuem o sistema imunológico preparado para a defesa do vírus (SILVA, 2020).

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada é o histórico-dedutivo baseado em pesquisa bibliográfica. As fontes empregadas foram: livros, artigos científicos, periódicos e a internet como importante instrumento de busca e informação. Foi realizada pesquisa sobre Paisagem, Geografia Humanista, Geografia Cultural e autores que mencionaram o Oriente ou a China ou o termo *fengshui*.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico da pesquisa segue as discussões sobre paisagem pela Geografia Cultural em sua nova abordagem, ou seja, a partir dos anos 1940. Sob este parâmetro a paisagem é analisada também com valores subjetivos e culturais de acordo com a comunidade que convive no ambiente. Conforme esta afirmação, o estudo sobre o *fengshui* torna-se viável e a sua elucidação. Por se tratar de um tema oriental, a compreensão da cultura se faz necessária e os trabalhos do geógrafo Augustin Berque são imprescindíveis para esta pesquisa.

O estudo de alguns autores da filosofia também foi importante para compreender as novas bases teóricas da geografia cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de paisagem, sob o aspecto da Nova Geografia Cultural, foi de fundamental importância para esta pesquisa. Partindo das bases da Geografia Humanista, a paisagem simbólica ganha um foco importante, além da materialidade da Cultura e da

---

<sup>2</sup> Rob Wallace é biólogo evolucionista com PhD na Universidade da Cidade de Nova York e pós-doutorado na Universidade da Califórnia.



Natureza, estão impregnados também os sentimentos, os valores e os significados (RISSO, 2008).

O termo *fengshui* é composto de caracteres de vento (*feng*), que também se refere à paisagem, e água (*shui*) significando o líquido. No cotidiano chinês, este termo se traduz na qualidade do meio ambiente. A combinação dos dois caracteres pressupõe um forte sentido ou um intrincado significado (BRUUN, 2011).

Graças aos trabalhos do geógrafo Augustin Berque, a compreensão sobre o *fengshui* tornou-se viável para a lógica ocidental, sob novas vertentes filosóficas e epistemológicas.

A Nova Geografia Cultural considera a paisagem sob uma perspectiva que abrange diferentes pensamentos, diferentes culturas, possibilitando relacionar o *fengshui* à Geografia. Dessa forma a percepção da paisagem sob a perspectiva do *fengshui* ganha forte contorno simbólico, onde há um inter-relacionamento entre o meio e os seres de forma holística e até sagrada.

A importância de conhecer outras formas de abordagens dos elementos geográficos e de culturas diversas, enriquece o conhecimento e facilita as inter-relações humanas. Neste mundo globalizado, é urgente a mudança de comportamento com o incremento de novas pesquisas ou a retomada e o entendimento de conhecimentos tradicionais no relacionamento com o meio ambiente.

É muito reconfortante utilizar novas teorias na Geografia que conseguem alcançar diferentes propostas que em outras épocas estariam marginalizadas das pesquisas formais. No meu entendimento, os novos conceitos contribuem no sentido de agregar e não substituir os conhecimentos já existentes, permitindo ampliar o leque da ciência Geográfica.

## REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. **Thinking through landscape**; translated by Anne-Marie Feenerg Dibon; by Routledge, 2013.

BERQUE, Augustin. A COSMOFANIA DAS REALIDADES GEOGRÁFICAS. **Geograficidade**, v.7, Número 2, 2017.

BRUNN, Ole – **Fengshui in China**: geomantic divination between state orthodoxy and popular religion – NIAS (Nordic Institute of Asian Studies) Press, 2011.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural/Paul Claval**: tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta-Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.



CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, pp. 11-25, 2012.

DEFFONTAINES, Pierre-**Géographie et religions**. Paris, Gallimard. 4º Ed. 1948.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLORENZANO, Teresa Galloti. Introdução à Geomorfologia. In: FLORENZANO, Teresa Galloti (org.). **Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. São Paulo: Oficinas de Textos, 2008.

GONÇALVES, Rafael R.; GARCIA, Fernanda A. Fróes; DANTAS, Jurema de Barros; EWALD, Ariane P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA**, UERJ, RJ, ano 8, n. 2, p. 402-435, 2008.

HOLZER, Werther. AUGUSTIN BERQUE: UM TRAJETO PELA PAISAGEM. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 17-18, P. 55-63, JAN/DEZ de 2004.

MARANDOLA, Eduardo Jr., **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto base da Conferência proferida no “Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem”, realizado dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; OLIVEIRA, Livia. Origens da Paisagem em Augustin Berque: Pensamento Paisageiro e Pensamento da Paisagem. **Geograficidade**. V.8, n.2, 2018, p.139-148.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **AUGUSTIN BERQUE E A GEOGRAFIA HUMANISTA BRASILEIRA: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS**. XIII ENANPEGE realizado nos dias 2 a 7 de setembro de 2019 em São Paulo.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA'E GA**. N.8, Curitiba: UFPR, p.83-91, 2004.

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2002.

RISSO, Luciene C. “**PAISAGENS E CULTURA**: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica”. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ n.23, p.67-76, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Ed UERJ/ NEPEC-UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROSSBACH, Sarah. **Feng Shui**: como viver melhor em sua casa/Sarah Rossbach; tradução Ricardo Aníbal Rosenbusch – Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SANTOS, Athos Ribeiro dos. A Tectônica e as Formas de Relevo. In: FLORENZANO, Teresa Galloti.

**Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. São Paulo: Oficinas de Textos, 2008.



SILVA, Allan Rodrigo de Campos. Resenha: Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência, de Rob Wallace. **Revista NERA**, v. 23, n. 55, p. 427-431, set.-dez., 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente/Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira – Eduel, Londrina, 2012.

WONG, Eva. **Feng-Shui**. The Ancient Wisdom of Harmonious Living for Modern Times. Massachusetts: Shambhala Publications. USA, 1996.

Nove comentários sobre o partido comunista Chinês. In: **Epoch Times**. Disponível em: <[www.epochtimes.com.br](http://www.epochtimes.com.br)> Acesso em: 07 de maio de 2014.